

A TORTURA DE FREI TITO

êste é o depoimento de um prêso político, frei Tito de Alencar Lima, 24 anos, dominicano.

Fui levado do presídio Tiradentes para a "Operação Bandeirantes" - OB (polícia do Exército) no dia 17 de fevereiro, 3a. feira, às 14 horas. O capitão Mauricio veio buscar-me em companhia de dois policiais e disse: "Você agora vai conhecer a sucursal do inferno". Algemaram minhas mãos, jogaram-me no porta-malas da perua. No caminho as torturas tiveram início: cutiladas na cabeça e no pescoço, apontavam-me seus revólveres.

Prêso desde novembro de 1969, eu já havia sido torturado no DEOPS. Em dezembro tive minha prisão preventiva decretada pela 2a. auditoria de guerra da 2a. região militar. Fiquei sob responsabilidade do juiz-auditor, Dr. Nelson Guimarães. Soube posteriormente que êste juiz autorizara minha ida para a OB sob "garantias de integridade física".

Ao chegar à OB fui conduzido à sala de interrogatórios. A equipe do capitão Mauricio passou a acarear-me com duas pessoas. O assunto era o congresso da UNE em Ibiúna, em outubro de 1968. Queriam que eu esclarecesse fatos ocorridos naquela época. Apesar de declarar nada saber, insistiam para que eu "confessasse". Pouco depois levaram-me para o "pau-de-arara". Dependurado nú, com mãos e pés amarrados, recebi choques elétricos, de pilha seca, nos tendões dos pés e na cabeça. Eram seis os torturadores, comandados pelo capitão Mauricio. Davam-me "telefones" (tapas nos ouvidos) e berravam improperios. Isto durou cerca de uma hora. Descansei quinze minutos ao ser retirado do "pau-de-arara". O interrogatório reiniciou. As mesmas perguntas, sob cutiladas e ameaças. Quanto mais eu negava, mais fortes as pancadas. A tortura alternada de perguntas, prosseguiu até às 22 hs. Ao sair da sala tinha o corpo marcado de hematomas, o rosto inchado, a cabeça pesada e dolorida. Um soldado carregou-me até a cela 3, onde fiquei sozinho. Era uma cela de 3x2,5 ms, cheia de pulgas e baratas, terrível mal cheiro, sem colchão e cobertor. Dormi de barriga vazia sobre o cimento frio e sujo.

Na quarta-feira fui acordado às 8 hs. Subi para a sala de interrogatórios onde a equipe do capitão Homero esperava-me. Repetiram as mesmas perguntas do dia anterior. A cada resposta negativa eu recebia cutiladas na cabeça, nos braços e no peito. Nesse ritmo prosseguiram até o início da noite, quando serviram a primeira refeição naquelas 48 hs.: arroz, feijão e um pedaço de carne. Um prêso, na cela ao lado da minha, ofereceu-me copo, água e cobertor. Fui dormir com a advertência do capitão Homero de que no dia seguinte enfrentaria a "equipe da pesada".

Na quinta-feira três policiais acordaram-me à mesma hora do dia anterior. De estômago vazio, fui para a sala de interrogatórios. Um capitão, cercado por sua equipe, voltou às mesmas perguntas. "Vai ter que falar senão só sai morto daqui", gritou. Logo depois vi que isto não era apenas uma ameaça, era quase uma certeza. Sentaram-me na "cadeira do dragão" (com chapas metálicas e fios), descarregaram choques nas mãos, nos pés, nos ouvidos e na cabeça. Dois fios foram amarrados em minhas mãos e um na orelha esquerda. À cada descarga, eu estremecia todo, como se o organismo fôsse se descompor. Da sessão de choques passaram-me ao "pau-de-arara". Mais choques, pauladas no peito e nas pernas a cada vez que elas se curvavam para aliviar a dor.

Uma hora depois, com o corpo todo ferido e sangrando, desmaiei. Fui desamarrado e reanimado. Conduziram-me à outra sala dizendo que passariam a carga elétrica para 230 volts a fim de que eu falasse "antes de morrer". Não chegaram a fazê-lo. Voltaram às perguntas, batiam em minhas mãos com palmatória. As mãos ficaram roxas e inchadas, a ponto de não ser possível fechá-las. Novas pauladas. Era impossível saber qual parte do corpo doía mais: tudo parecia massacrado. Mesmo que quizesse não poderia responder às perguntas: o raciocínio não se ordenava mais, restava apenas o desejo de perder novamente os sentidos. Isto durou até às 10 hs., quando chegou o capitão Albernaz.

"Nosso assunto agora é especial", disse o capitão Albernaz. Ligou os fios em meus membros. "Quando venho para a OB - disse - deixo o coração em casa. Tenho verdadeiro pavor a padre e para matar terroristas nada me impede - guerra é guerra, ou se mata ou se morre. Você deve conhecer fulano e sicrano (citou os nomes de dois prêsoes políticos que foram bárbaramente torturados por ele): darei a você o mesmo tratamento que dei a eles - choques o dia todo. Todo "não" que você disser, maior a descarga elétrica que vai receber". Eram três militares na sala. Um deles gritou: "quero nomes e aparelhos" (endereços de pessoas). Quando respondi "não sei" recebi uma descarga elétrica tão forte, diretamente ligada à tomada, que houve um descontrolo de minhas funções fisiológicas. O capitão Albernaz queria que eu dissesse onde está o frei Ratton. Como não soubesse, levei choques durante 40 minutos. Queria os nomes dos outros padres, de São Paulo, Rio e Belo Horizonte, "metidos na subversão". Partiu para a ofensa moral: "quais os padres que têm amantes? por que a Igreja não expulsou vocês? quem são os outros padres terroristas?, etc". Declarou que o interrogatório dos dominicanos feito pelo DEOPS tinha sido "à toque de caixa" e que todos os religiosos prêsoes iriam à OB prestar novos depoimentos. Receberiam também o mesmo "tratamento". Disse que "a Igreja é corrupta, pratica a agiotagem, o Vaticano é dono das maiores empresas do mundo". Diante de minhas negativas, aplicavam-me choques, davam-me socos, pontapés e pauladas nas costas. À certa altura o capitão Albernaz mandou que eu abrisse a boca "para receber a hóstia sagrada". Introduziu um fio elétrico, Fiquei com a boca toda inchada, sem poder falar direito. Gritavam difamações contra a Igreja, berravam que os padres são homossexuais porque não se casam. Às 14 hs. encerraram a sessão. Carregado, voltei à cela onde fiquei estirado no chão.

Às 18 hs serviram jantar mas não conseguí comer. Minha boca era uma ferida só. Pouco depois levaram-me "para uma explicação". Encontrei a mesma equipe do capitão Albernaz. Voltaram às mesmas perguntas, repetiram as difamações. Disse que, em vista de minha resistência à tortura, concluíra que eu era um guerrilheiro e devia estar escondendo minha participação em assaltos a bancos. O "interrogatório" reiniciou para que eu confessasse os assaltos+ choques, pontapés nos órgãos genitais e no estômago, palmatória, pontas de cigarros apagadas em meu corpo. Durante cinco horas apanhei como um cachorro. No fim fizeram eu passar pelo "corredor polonês". Avisaram que aquilo era a "estréia" do que iria ocorrer com os outros dominicanos. Quiseram deixar-me dependurado toda a noite no "pau-de-arara", mas o capitão Albernaz objetou: "Não é preciso. Vamos ficar com ele aqui mais dias. Se não falar será quebrado por dentro, pois sabemos fazer as coisas sem deixar marcas visíveis. Se sobreviver jamais esquecerá o preço de sua valentia".

Na cela eu não conseguia dormir. A dor **crescia** a cada momento. Sentia a cabeça três vezes maior que o corpo. Angustiava-me a possibilidade de os outros frades sofrerem o mesmo. Era preciso pôr um fim àquilo. Sentia que não iria aguentar mais o sofrimento prolongado. Só havia uma solução: matar-me. Na cela cheia de lixo encontrei uma lata vazia. Comecei a amolar sua ponta no cimento. O prêso ao lado pressentiu minha decisão e pediu que eu me acalmasse.

Havia sofrido mais do que eu (teve os testículos esmagados) e não chegara ao desespero. Mas no meu caso tratava-se de impedir que outros viessem a ser torturados e denunciar à opinião pública e à Igreja o que se passava nos cárceres brasileiros. Só com o sacrifício de minha vida isto seria possível, pensei. Como havia um Novo Testamento na cela li a paixão segundo São Mateus. O Pai havia exigido o sacrifício do Filho como prova de amor aos homens. Desmaiei envolto em dor e fé.

Na sexta-feira fui acordado por um policial. Havia ao meu lado um novo prêsos: um rapaz português que chorava pelas torturas sofridas durante a madrugada. O policial advertiu-me: "o senhor tem hoje e amanhã para decidir falar. Senão a turma da pesada repete o mesmo pau. Já perderam a paciência e estão dispostos a matá-lo aos pouquinhos". Voltei aos meus pensamentos da noite anterior. Nos pulsos eu havia marcado o lugar dos cortes. Continuei amolando a lata. Ao meio-dia tiraram-me para fazer a barba. Disseram que eu iria para a penitenciária. Raspei mal a barba, voltei à cela. Passou um soldado. Pedi que emprestasse-me a gilete para terminar a barba. O português dormia. Tomei a gilete, enfiei-a com força na dobra interna do cotovêlo, no braço esquerdo. O corte fundo atingiu as veias vasílicas e a artéria. O jato de sangue manchou o chão da cela. Aproximei-me da privada, apertei o braço para que o sangue jorrasse mais depressa. Mais tarde recobrei os sentidos num leito do pronto-socorro do Hospital das Clínicas.

No mesmo dia transferiram-me para o Hospital Militar. O Exército temia a repercussão, não avisaram a ninguém do que ocorrera comigo. No corredor do Hospital Militar o capitão Maurício dizia desesperado ao médico: "doutor, êle não pode morrer de jeito nenhum. Temos que fazer tudo, senão estamos perdidos". No meu quarto a OB deixou seis soldados de guarda.

No sábado teve início a tortura psicológica. Diziam: "a situação agora vai piorar para você, que é um padre suicida e terrorista. A Igreja vai expulsá-lo, etc". Não deixavam que eu repousasse, falavam o tempo todo, jogavam, contavam-me estranhas estórias. Percebi logo que, a fim de fugirem à responsabilidade de meu ato e o justificarem, queriam que eu enlouquecesse.

Na segunda à noite recebi a visita do juiz-auditor acompanhado de um padre do convento e um bispo-auxiliar de São Paulo. Haviam sido avisados pelos prêsos políticos do presídio Tiradentes. Um médico do hospital examinou-me à frente deles, mostrando as hematomas e cicatrizes, os pontos recebidos no Hospital das Clínicas, as marcas da tortura. O juiz declarou que aquilo era "uma estupidez" e que iria apurar as responsabilidades. Só pedi a êle garantia que eu não voltaria à OB, o que prometeu fazer.

De fato fui bem tratado pelos militares do Hospital Militar, exceto os da OB que montavam guarda em meu quarto. As irmãs vicentinas deram-me tôda a assistência necessária. Mas não se cumpriu a promessa do juiz. Na sexta-feira, dia 27, fui levado de manhã para a OB. Fiquei numa cela até o fim da tarde, sem comer. Sentia-me tonto e fraco, pois havia perdido muito sangue e os ferimentos começavam a cicatrizar-se. À noite entregaram-me de volta ao presídio Tiradentes.

É preciso dizer que o que ocorreu comigo não é excessão, é regra. Raros os prêsos políticos brasileiros que não sofreram torturas. Muitos, Como Chael Schreider e Virgílio Gomes da Silva, morreram nas salas de torturas. Outros ficaram surdos, estereis ou com outros defeitos físicos. A esperança desses prêsos coloca-se na Igreja, única instituição brasileira fora do contrôle estatal-militar. Sua missão é defender e promover a dignidade humana. Onde houver um homem sofrendo, é o Mestre que sofre. É hora de nossos bispos dizerem um BASTA às torturas e injustiças promovidas pelo regime, antes que seja tarde. A Igreja não pode omitir-se. As provas das torturas trazemos no corpo.

Se a Igreja não se manifestar contra essa situação, quem o fará? Ou seria necessário que eu morresse para que alguma atitude fosse tomada? Num momento como este o silêncio é omissão. Se falar é um risco, é muito mais um testemunho. A Igreja existe como sinal e sacramento da justiça de Deus no Mundo. "Não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio. Fomos maltratados desmedidamente, além das nossas forças, a ponto de termos perdido a esperança de sairmos com vida. Sentíamos dentro de nós mesmos a sentença de morte: deu-se isso ~~que~~ para que saibamos pôr a nossa confiança não em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos" (II Cor. 1, 8-9). Faço esta denúncia e este apêlo a fim de que se evite amanhã a triste notícia ~~denúncia~~ de mais um morto pelas torturas.